

## HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PIONEIROS DO VÔLEI DE PRAIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

### STORIES AND MEMORIES FROM THE FORERUNNERS OF THE BEACH VOLLEY IN RIO DE JANEIRO

Lenice Peluso de Oliveira\*  
Vera Lúcia de Menezes Costa\*\*

---

#### RESUMO

O objetivo do estudo foi interpretar a história oral de pioneiros do Vôlei de Praia que, a partir de 1940, estabeleceram a trajetória inicial deste esporte como lazer na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Observou-se pouco a pouco a visibilidade do Vôlei de Praia e a adesão do povo carioca, despertando para o prazer e a sociabilidade de um jogo coletivo. Aos registros dos depoimentos de pioneiros do jogo recolhidos por Lenice Peluso, foram agregados materiais colhidos na internet, jornais da época e relatos de antigos jogadores, possibilitando maior abrangência do tema. Concluiu-se que o Vôlei de Praia, jogado exclusivamente como lazer até a sua institucionalização, instituiu sua identidade cultural na cidade do Rio de Janeiro satisfazendo o gosto dos jogadores e do público por paisagens, espaços livres e abertos, que transmitem momentos e sensações de bem-estar, amplitude e plenitude, contribuindo para a esportivização da praia.

**Palavras-chave:** Vôlei de praia. Pioneiros. Memórias.

---

#### INTRODUÇÃO

Oriundo do Voleibol e adaptado às areias, o surgimento e desenvolvimento do Vôlei de Praia deram-se nos Estados Unidos no período da 1ª Guerra Mundial, em 1915, como forma de lazer. Posteriormente, entre 1939 e 1945, os soldados norte-americanos difundiram o esporte em suas bases militares, fixadas em diversos países durante a 2ª Guerra Mundial (AFONSO, 2004).

No Brasil, o Vôlei de Praia começou a ser praticado a partir da década de 1940 como um jogo recreativo, compreendido como uma alternativa ao Voleibol jogado em quadras fechadas (ginásios). Inicialmente, sua prática aconteceu nas praias da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. As praias, enquanto espaço recreativo e com um significado social específico, foram descobertas pelos cariocas a partir do surgimento de diferentes práticas esportivas: Futevôlei, Peteca, Futebol de

Areia..., e também o Vôlei de Praia. Atrativos como a beleza de corpos quase despidos, associados a uma área repleta de sol, mar e areia, configuram uma paisagem que transmite momentos e sensações de bem-estar, amplitude, plenitude e uma visão do infinito.

Parlebas (1988) define este espaço onde ocorre o jogo como semidomesticado. Fenômenos naturais como vento, areia e sol, assim como o vaivém dos frequentadores da praia interfere no desenvolvimento do jogo, que vez ou outra necessita de adaptações para neutralizar ações exercidas comumente. Na areia, numa prática esportiva como lazer, cada um exerce sua função em um espaço delimitado onde é realizado o jogo, que é composto de regras a serem respeitadas, como num contrato lúdico.

De acordo com Tubino (2006, p.23-24),

[...] o esporte-lazer se apoia no princípio do prazer lúdico, no próprio

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco (PROCIMH - UCB/RJ) e Professora do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM/RJ)

\*\* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho (PPGEF - UGF/RJ)..

lazer e na utilização construtiva do tempo livre e de liberdade. Esta manifestação esportiva não tem compromisso com as regras institucionalizadas [...] o esporte-lazer, pelo envolvimento das pessoas nas atividades prazerosas que oferece, ainda proporciona o desenvolvimento de um espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais.

Segundo Elias e Dunning (1992), um esporte maduro pode constituir novas institucionalizações, e este foi o caso do Voleibol, que deu origem ao Vôlei de Praia, que foi construindo sua identidade ao longo dos tempos via os múltiplos discursos e as diferentes representações encontradas em sua história.

O rearranjo do jogo num solo que se altera à medida que as partidas se desenvolvem, com parceiros e adversários que têm seus corpos seminus sob o efeito do sol e do calor, construiu um virtuosismo lúdico, livre e carregado da sensualidade do praiano carioca, tal como o encontrado por Costa Neto (2005) em seu estudo sobre o Futevôlei nas praias cariocas.

A praia, espaço público, atraiu as pessoas por conta de seus fatores naturais e a de Copacabana, local que denotou status e estilo de vida de uma classe dominante nas décadas de 1930 e 1940 no Rio de Janeiro, então capital da república, se definiu também como espaço de lazeres populares, dentre eles os esportes.

Pudemos com isso, acompanhar a dinamicidade da mudança das representações dos banhos de mar nas praias percebidas como terapêutica medicinal do início do século XX. Posteriormente observou-se a ênfase, segundo Iwata (2001), no sol, como representação de estética, saúde e beleza e, mais adiante, a esportivização. As transformações sócio culturais do século XX deram ao homem moderno, segundo a autora, uma aparência bronzeada, em que a exposição dos corpos o sol, pelo uso de trajes mais leves, curtos e colantes, e a valorização das atividades esportivas despertaram à época a “apologia da saúde e do vigor físico até a perplexidade diante da nudez e dissolução dos costumes” (IWATA, 2001).

Com isso, as praias no Rio de Janeiro, a partir do século XX, tornaram-se além do foco

de lazer também um espaço público esportivizado, denotando novas sociabilidades, e engendrando origens de novas práticas como o Vôlei de Praia, o Futebol e o Frescobol.

No Brasil, durante décadas, o Vôlei de Praia foi visto apenas como opção de lazer nos fins de semana, em toda a orla marítima carioca, principalmente em Copacabana e Ipanema, locais onde ainda se observa maior concentração de redes e adeptos deste esporte na cidade. Foi na praia de Copacabana que aconteceu o primeiro torneio oficial de Vôlei de Praia, em dezembro de 1946, com cobertura do *Jornal dos Sports* como organizador do evento (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 3).

Fortalecido pelo campo do lazer, pela adesão de praticantes e de observadores ao longo da orla marítima, o Vôlei de Praia evoluiu para o campo da institucionalização, sem, entretanto, extinguir ou minimizar a força do movimento inicial.

O Vôlei de Praia como modalidade de alto rendimento, reconhecida em competições, é um esporte recente no Brasil. Registra seu ingresso oficial em 1991, na categoria masculina, na maior competição nacional, o Banco do Brasil Open de Vôlei de Praia, e em 1992 na categoria feminina (NUZMAN, 1994).

A determinação e a insistência de pessoas responsáveis pela estrutura e desenvolvimento do Vôlei de Praia foram significativas para a evolução desta modalidade. “A medalha de ouro olímpica era o objetivo estabelecido pelo grupo liderado por Carlos Arthur Nuzman, que assumira a direção da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) em 1975” (VALPORTO, 2007, p. 12). Nomes como: Paulo Márcio, Perlier, Tovar, Ari Graça e suas respectivas equipes de trabalho nos bastidores da organização sólida da CBV souberam levar adiante, com competência, o sonho de um órgão esportivo modelo no Brasil. A partir de um trabalho estruturado com seleções permanentes em 1977, alcançou-se ao longo dos anos sucesso absoluto no Voleibol, com suas conquistas nas equipes adultas e de categorias de base, no masculino e no feminino. Esta mesma seriedade foi levada ao Vôlei de Praia como modalidade de alto rendimento, em seu início nos anos 1990 (COELHO, 2008).

O Voleibol é o segundo esporte na preferência do povo brasileiro (KASZNAR; GRAÇA FILHO, 2002, p. viii), e o Vôlei de Praia entra de carona nesta paixão, completamente inserida no contexto cultural brasileiro, principalmente dos cariocas.

A prática do Vôlei de Praia, por acontecer em área aberta, sujeita a variações de vento, areia e sol, apresentam para os jogadores desafios diferentes do jogo realizado no piso duro das quadras fechadas, em que tais fatores não têm influência. Com a presença do vento, o jogador necessita aplicar maior direção no saque e ter mais precisão nos levantamentos, para que o atacante receba a bola em condições favoráveis (perto da rede), facilitando o ataque. Quando a equipe escolhe o campo que receberá a bola a favor do vento, favorece o domínio da bola; ao contrário, quando se está do lado do campo em que a bola chega no sentido contrário ao vento, a bola pode ter uma trajetória diferente daquela que foi prevista, e a finalização torna-se imprevisível. Também a areia pode ser mais fofa, tornando o tempo do salto para o ataque diferente de quando se encontra uma areia mais dura. O jogador de Vôlei de Praia enfrenta o forte calor e exerce um esforço maior para o controle e domínio da bola, devido à força aplicada em seus saltos e aos deslocamentos mais aprofundados na areia, onde a cada passo os pés afundam antes de se esboçar qualquer reação para um novo movimento.

As adaptações acima descritas fazem com que o Vôlei de Praia se constitua diferentemente de seu esporte originário. É lógico que aqueles que praticam ou praticaram a modalidade em quadras fechadas, e que costumam frequentar praias, têm maior facilidade em desenvolver o gosto pelo Vôlei de Praia. Mas o fato de algum jogador ou jogadora jogar bem em quadras fechadas não assegura seu bom desempenho na praia, o contrário sendo também verdadeiro.

O Vôlei de Praia apresentou grande número de adeptos ao longo dos anos, seja nas manifestações esportivas de lazer ou nas de alto rendimento, conforme a classificação de Tubino; Tubino; Garrido (2007). Existem redes espalhadas por praias de todo o litoral brasileiro. No Rio de Janeiro, onde o clima é bastante favorável e onde a orla marítima e a faixa de areia que a acompanha são extensas, as praias da

cidade se transformaram no maior polo de treinamento de Vôlei de Praia de alto rendimento. Atletas estrangeiros vêm ao Rio de Janeiro em busca de qualidade de treinamento com profissionais especializados nas praias cariocas, fomentando o intercâmbio com jogadores mais experientes, em vista do grande número de praticantes, do clima agradável e da ausência de chuva durante a maior parte do ano. A maioria desses jogadores vem dos países asiáticos e nórdicos, onde o inverno é longo e as baixas temperaturas dificultam o andamento dos treinamentos e jogos (TINOCO, 2008; COELHO, 2008). A orla marítima da cidade do Rio de Janeiro oferece grande área para a prática da modalidade aos interessados. As redes ficam montadas na areia, onde cada par de postes tem um “dono” – aquele que paga a taxa anual ao Corpo de Bombeiros, órgão que fiscaliza a legalização das redes e os espaços disponíveis. Para participar dos jogos é preciso estar inserido no grupo de amigos da rede, ou ser convidado por um deles. As redes são utilizadas sempre nos mesmos horários, mas existem períodos em que as redes ficam vazias (durante à tarde, nos fins de semana ou mesmo em dias de semana), e qualquer pessoa, independente da faixa etária ou do sexo, pode chegar com a sua bola e praticar o Vôlei de Praia. Basta que sejam respeitados os horários de uso do grupo que mantém a rede. Alguns desses horários são reservados para escolinhas de iniciação à modalidade, ou para competições.

O Vôlei de Praia se apresenta então como um esporte simples e de mobilizadora adesão por jovens, por adultos, e até por crianças. Como observam Kasznar e Graça Filho (2002, p. vi), ele:

Pode ser jogado em qualquer praia sobre a areia. Desta forma, inúmeras quadras, formais e informais, podem ser criadas segundo as necessidades, para shows de atletas profissionais, campeonatos, treinos ou simples lazer de milhões de atletas amadores e praticantes de fins de semana.

Os mesmos autores, referindo-se ao Voleibol, tecem considerações que se aplicam integralmente ao Vôlei de Praia, esporte que dele se originou e é objeto do presente estudo:

[...] todas as modalidades do Voleibol podem ser praticadas sem maiores dificuldades ou custos, o que justifica sua economicidade e recente expansão territorial, em nível recorde, no Brasil. Por ser um esporte de baixo custo, o Voleibol pode ser disseminado com sucesso em todos os municípios e comunidades, por mais pobres que sejam, do Brasil. Assim, ele é popular e seu futuro está nas mãos do povo (KASZNARI; GRAÇA FILHO, 2002, p. vi).

### O ESTUDO

O objetivo deste estudo foi reunir dados sobre a origem e o desenvolvimento do Vôlei de Praia na cidade do Rio de Janeiro, e compreender a praia como território que ganhou sentidos de esportivização possibilitando a identificação do novo esporte que se constituiu. Para tanto, nos baseamos em fontes orais e documentais, colhendo informações na literatura, em jornais da época (*Jornal dos Sports*, de 1946 a 1965) e na internet, junto a ex-jogadores e ex-jogadoras pioneiras desse esporte no período em que era praticado como lazer, e outras pessoas que fizeram parte de sua história desde o seu surgimento.

Os depoimentos orais dos sete atores que participaram deste estudo foram colhidos diretamente por Lenice Peluso, uma das pesquisadoras. Dois em suas residências, na rede onde um dos atores joga Vôlei de Praia, na rede onde outro trabalha dando aulas de Vôlei de Praia, na Colônia dos Pescadores onde um deles fabrica as redes de Vôlei de Praia, e dois por meio eletrônico. Todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e declararam que seus depoimentos poderiam ser utilizados para esta pesquisa, que obteve o número 0067/2009 do parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

O resgate dos depoimentos dos pioneiros da modalidade tem na abordagem da História Oral seu aporte teórico e metodológico. A História Oral é suportada pelas lembranças, pondo em evidência a memória coletiva, passível de ser usada como fonte histórica. Tomando Nora (1993) como referência, memória é o vivido, e

história, o elaborado. Resgatar a vivência daqueles atores e trazê-las à compreensão hoje parece útil para a compreensão da identidade do Vôlei de Praia em seu contexto atual.

Alberti (2004) reconhece que nas entrevistas de História Oral há uma vivacidade, um tom especial. Trata-se das experiências dos sujeitos, e suas narrativas colorem o passado com um valor significativo. Ouvindo-os falar, temos a sensação de que as descontinuidades da história são abolidas e recheadas com emoções, reações, observações e relatos pitorescos. Para a autora, a história opera por descontinuidades, e para conhecer e explicar o que se passou, selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, tornando-os fonte histórica, pistas para se conhecer as diferentes versões do passado.

Neste estudo recorreremos à memória dos pioneiros, pois a História Oral valoriza o indivíduo, pressupondo-o como o *locus* das vivências, fixando as sínteses e os sentidos da existência, à História Oral. Tais depoimentos são associados aos registros encontrados no material que nos foi possível coletar na internet, nos relatos de antigos jogadores e em recortes de jornais da época a fim de nos possibilitar uma visão abrangente que nos permitisse compreender o fenômeno e a cultura do Vôlei de Praia segundo uma multiplicidade de perspectivas e de dados multi-referenciais (PEÑA; ECHEVERRY, 2000).

### COLONIZAÇÃO E MIGRAÇÃO

A ocupação do Vôlei de Praia nas praias do Rio de Janeiro se deu de dois modos: a colonização da praia pelos oriundos do local, que constituíram sua carreira amadora sob um sol efervescente, num clima de agradável descontração, e a migração para a praia dos que jogavam em clubes e na escola. Estes dois grupos, juntos, construíram a história do Vôlei de Praia na cidade do Rio de Janeiro.

Os homens já utilizavam o espaço público para a prática de atividades esportivas na praia, fosse no futebol ou no voleibol. Alguns participavam de equipes em clubes, e nos finais de semana, ou mesmo durante a semana, reuniam-se para jogar na praia, socializando seus conhecimentos sobre o esporte. Por outro

lado, nas décadas de 1930 e 1940 as mulheres não gozavam do mesmo privilégio; seu conhecimento esportivo era adquirido na escola, lugar em que lhes era permitido participar de disputas, mas sempre entre pessoas do mesmo sexo. E eis que um espaço pouco convencional, a praia, fomentador de prazeres e de sensualidade, se apresentou como um lugar para as possíveis transgressões, sendo gradativamente apropriado pelas mulheres (OLIVEIRA; COSTA; MOURÃO, 2010).

Surge então uma nova modalidade esportiva, mais interativa e com menos interditos. Um atributo distinto marcou este início: homens e mulheres participavam do mesmo jogo nas redes de Copacabana, tornando o Vôlei de Praia diferente do Voleibol praticado nas quadras fechadas, onde as equipes até hoje se dividem nas categorias: masculina e feminina. As oportunidades de ambos os sexos disputarem o mesmo *set* na praia aproximavam-se de um contrato lúdico que consentia mudanças, tanto que há registros de campeonatos que incluíam equipes mistas nas disputas, como o noticiado pelo *Jornal dos Sports* de 4 de janeiro de 1947: "Astros e estrelas competirão hoje na areia de Copacabana" (RODRIGUES FILHO, 1947b, p.3).

Em sua maioria, as mulheres que experimentavam afirmar sua presença nas partidas de Vôlei de Praia migravam de clubes ou de equipes da escola, e foram, pouco a pouco, conquistando um espaço até então dominado pelos homens. Com beleza atraente e suave, elas aproveitavam para dourar os corpos entre um jogo e outro, assim como desfrutavam de um banho de mar.

Os controles das distâncias entre os corpos masculinos e femininos estavam abolidos, permitindo o desenvolvimento de práticas compartilhadas de Vôlei de Praia. As desconfianças sobre as turbulências, sobre a suposta imoralidade de tal atitude, julgada livre demais, exigia regulamentá-la e controlar os corpos (VIGARELLO, 2008). Mesmo assim, esse grupo pioneiro transgrediu e inovou. Talvez a rede, um obstáculo limitador dos campos de ação dos jogadores, tenha possibilitado a nova configuração, já que os corpos dos praticantes não se confrontavam diretamente. O jogo de Vôlei de Praia se manifesta como um dos

esportes que apresenta a estrutura de comportamento civilizado de Elias (1994), o qual reforça e diferencia o controle das emoções.

No jogo de Vôlei de Praia, tal como acontece no Vôlei jogado em quadras fechadas, os jogadores de uma mesma equipe se organizam em torno dos passes, elevando e colocando a bola em melhores condições para o companheiro de equipe finalizar a jogada, colaborando para o desenvolvimento da partida numa pequena área de possíveis deslocamentos. Durante o jogo, até três ações são permitidas de um mesmo lado do campo. Essas ações são diretas e focalizadas num espaço ou em um determinado jogador. Há uma cortesia nessas ações: ainda que mais de um jogador possa vir a disputar uma mesma bola, acontecerá de um recuar em benefício da melhor construção de uma jogada. Ao término, a bola é passada para a equipe adversária, com a eficiência de uma cortada ou de uma bola com a sabedoria de uma "colocada" em espaço não perceptível pelo adversário. A formalidade dos gestos, o comportamento cerimonial e suave, mas assertivo, diante da continuidade das jogadas evitando o corpo a corpo, são características deste esporte. A polidez dos gestos e comportamentos no Vôlei de Praia pode ter distinguido seus participantes, tornando-se um mecanismo possibilitador da disputa mista e contribuindo, como diz Elias (1994), para um grupamento social criando seus próprios referentes de destaque.

Alguns esportes praticados em áreas abertas, diferentemente daqueles em quadras fechadas, institucionalizados (COSTA, 2000), reportam mudanças simbólicas das marcas presentes na imaginação de uma época. Praticados como lazer, alguns esportes têm significado importante na vida moderna, levando assim a um melhor conhecimento humano.

Uma das ocupações do carioca no seu tempo livre era frequentar este espaço público: a praia. Um local de fácil acesso, onde as pessoas tinham como objetivo principal a busca pelo prazer através de uma prática esportiva ao sol, ao ar livre, entre um mergulho e outro no mar. Um lugar aberto, propício a mudanças de costumes e novidades.

A par das razões terapêuticas e curativas para o uso dos banhos marítimos no início do século XX, as motivações lúdicas, segundo Arriba (2000) começaram a aflorar nas praias e a alcançar maiores relevâncias no Ocidente. A fala de nossas testemunhas, na cidade do Rio de Janeiro, em especial em Copacabana, relata que esse espaço é valorizado para práticas de atividades físicas e esportes, tendo se consagrado como um espaço de convívio e de tolerância aos preconceitos (COSTA; TUBINO, 1998). A frequência dos atores também modificou a mentalidade das pessoas em relação ao corpo (COSTA, 1995; COSTA; COSTA; SALLES; SILVA, 1996; COSTA, 1997; COSTA; FIGUEIREDO; SILVA, 1997; COSTA; TUBINO, 1997; COSTA; TUBINO, 1998; COSTA, 2004). Lá, onde grupos de populares e de burgueses se encontram com pés descalços e corpos seminus, num banho de erotismo, a mistura dos sexos é permitida e são mescladas as atitudes de todas as classes, obedecendo, segundo Corbin (1989) a três imperativos importantes: o moral, o terapêutico e a dinamicidade. No território do vazio de Corbin, novas normas se instituíram, e até mesmo se pode participar de jogos entre homens e mulheres.

### O CONTEXTO DAS PRAIAS NO RIO DE JANEIRO DE 1946 A 1965

Nas praias da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro a adesão à prática esportiva e atividades voltadas para o bem-estar e a saúde apresentam características importantes na construção da identidade cultural da cidade e no desenvolvimento pessoal dos praticantes. A busca pelo prazer, pelo social, reunindo amigos na praia, no sol, na areia, no mar, no calçadão, nos quiosques, para uma simples caminhada, para um jogo de vôlei, de futebol, ou uma parceria no frescobol, por jovens, crianças, adultos e idosos, passou a fazer parte da rotina do carioca. Durante a semana, pela manhã, tarde e noite, frequentadores desfrutavam desta área de lazer e escolinhas esportivas oferecem as modalidades aos interessados. Nos fins de semana, esportistas lotam as areias numa procura incessante por momentos de alegria, descanso e convívio social. “Estas manifestações

que ocorrem em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária [...] têm como propósito a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas” (TUBINO, 2001, p. 38).

Uma extensão de quatro quilômetros delimita a área citada neste artigo: a praia de Copacabana, cartão postal da cidade do Rio de Janeiro, conhecida mundialmente pelos turistas que admiram sua beleza natural e a do característico calçadão de pedras portuguesas. É possível observar a identificação dos frequentadores da praia com esportes como corrida, *trekking*, ciclismo, vôlei de praia, peteca, frescobol, futevôlei, futebol, raquetinha, *beach* handebol. Compartilhando emoções a partir das práticas esportivas, todos ostentam um comportamento jovem, uma cultura da praia, onde o maior objetivo é o convívio social.

Aqueles que passam a maior parte do tempo na praia, seja praticando algum esporte, dourando-se ao sol, mergulhando, ou apenas batendo papo, são geralmente denominados de “ratos de praia”. Segundo Peixoto (1988), os “ratos de praia” encaram aquele local de lazer como extensão de suas casas, sendo esta a explicação para a sua frequência tão assídua às praias.

Ameaçadas pela banalização do lazer proveniente da indústria cultural, muitas pessoas recusam hoje a rotinização e tudo que estiver relacionado à monotonia do cotidiano (PAIS, 1992). É o que ocorre com esses “ratos de praia”, para quem o lazer esportivo na orla se apresenta como uma alternativa ao cotidiano do meio urbano, que lhes permite recriar novas práticas, novos costumes, revitalizando-os, inscrevendo-se numa ética que funda a vida como aventura.

Um depoimento de Candeias (2004) na internet comenta a expressão “rato de praia” e nos traz uma história interessante do Vôlei de Praia da época aqui estudada:

Fui ‘rato de praia’ de 1959 até 1967. Jogava na rede de seu Thomás, frequentada pela Tia Leah, que depois da morte de seu Thomás criou a sua própria rede, armada mais perto da Rua Francisco Sá. Os frequentadores habituais daquela rede eram

simplesmente, além da garotada como eu, jogadores do porte de Átila, Arlindo, Parker, Arnaldo, Dudu, Zé Maria, Lúcio Figueiredo, Vitinho, Feitosa, Bomba, Nuzman, Isnaldo, Cabinha (o rei das quadras e duplas), Naga, Careca, Johnny O'Shea, Jorginho Bittencourt e muitos outros. Era um verdadeiro **point** desse esporte. Os treinadores compareciam em peso: Heckell, Célio Cordeiro, Sami Miehlinisky (para mim, o grande treinador do nosso voleibol), Paulo Matta etc. Quase sempre tínhamos a visita do pessoal de Niterói, como Quaresma, Roberto Canhoto e Borboleta. Nas férias apareciam Belfort, Fabinho e Urbano Brochado, de Minas. Isso sem falar em figuras folclóricas como Everest, Jojô Piloto e outros. Daquela rede se poderia montar um time imbatível em termos de Brasil. Vi Quaresma jogar muitas vezes na praia, no Botafogo e na Seleção Brasileira, e o considero um dos maiores, senão o maior jogador de todos os tempos do nosso voleibol. Tinha: defesa perfeita, ataque eficiente, quase sempre explorando o bloqueio e grande liderança dentro de quadra.

Laços de pertencimento se formam expressos pela convivência cotidiana; valores próprios de suas camadas sociais se instituem e determinam novas formas de comportamento social. E não foi diferente com os praticantes de Vôlei de Praia. Trazido da quadra por seus adeptos, naquele espaço se instituíram novos códigos, em especial o da participação da mulher na prática de um esporte que, historicamente, foi de domínio quase exclusivo dos homens.

Na praia, com seus corpos expostos, algumas mulheres foram mensageiras do desvelamento do sistema de desigualdade entre sexos no esporte, gerindo um espaço híbrido entre público (praia) e privado (o interior dos laços da rede de Voleibol), no qual atuavam sem diferença, mantendo níveis de tensões socialmente aceitáveis. Dentre elas, fora dos padrões atléticos das esportistas, Leah Mendes de Moraes, nascida em 1919, surgiu como precursora do Vôlei de Praia como lazer em Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro.

Encontramos Tia Leah, como é lembrada carinhosamente pelos amantes do Voleibol, em sua casa. Hoje com 90 anos, ainda lúcida e apaixonada pelo Voleibol que assiste pelos canais de TV, tem os cabelos brancos, e uma mente cheia de lembranças de seu desempenho e daqueles que a acompanharam. Seu depoimento, alegre e descontraído, converge com outras fontes orais e escritas, como poderemos observar adiante.

### OS JOGADORES PIONEIROS: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO VÔLEI DE PRAIA

A história oral dos pioneiros e daqueles que vivenciaram o caminho percorrido pelo Vôlei de Praia desde o seu surgimento atribui à Tia Leah a propagação deste esporte na praia e o seu desenvolvimento. Como está registrado em "Os reis da praia. Tia Leah, a rainha da praia" (OS REIS ..., 1989, p. 30), "desde 1938, quando se mudou para Copacabana com a família, essa menina não parou de jogar. [...] na rede da Tia Leah ninguém fala palavrões". Observa-se um respeito enorme de todos os jogadores, cariocas ou não, e até dos estrangeiros, quando se referem a essa precursora. Tia Leah foi uma das responsáveis pela paixão pelo Vôlei de Praia em Copacabana e na cidade do Rio de Janeiro. Ela relata:

Comecei a jogar quando tinha 15 anos, em 1934, em frente à Rua Joaquim Nabuco. Depois montei minha rede na Rua Souza Lima. Joguei sempre como levantadora, até meus 70 anos, em 1989. Lembro de nomes da época, como: Lúcio, Everest (o melhor de todos), Coqueiro, Átila (muito bom e cabeça boa), que hoje devem estar na faixa dos 80 anos. Nos anos 1950, o grande destaque entre as mulheres foi Hilda Lassen. Anos depois veio Lucia Mendes de Moraes, minha sobrinha. Elas jogavam o 4x4 (misto) e dupla (MORAES, 2009a).

No Posto Seis, espaço situado no final da Praia de Copacabana, próximo ao Forte de Copacabana e delimitado pelas ruas Francisco Otaviano, Joaquim Nabuco, Rainha Elizabeth, Julio de Castilhos, Souza Lima e Francisco Sá,

que fazem esquina com a Avenida Atlântica (orla), a partir dos anos 1950 fixou-se um grupo formado por frequentadores da rede de Vôlei da Tia Leah. Eles ocupavam um espaço simbolicamente fechado em seus limites:

[...] essa quadra de esporte é totalmente controlada por Tia Leah, que dita as regras do jogo aos participantes de todas as idades: idosos, jovens, e mesmo profissionais, seguem à risca as condições por ela impostas. Nesse território de sociabilidade, só entram os convidados da anfitriã que, pertencente à família tradicional do bairro, é rigorosa na seleção dos jogadores: os candidatos de origem popular são eliminados (PEIXOTO, 1995)

Um frequentador do Posto Seis, pescador desde 1937, hoje com 87 anos, Claudionor José da Silva, conhecido como “Seu” Nonô, narra que em 1952 viu o Vôlei de Praia pela primeira vez em frente à Rua Joaquim Nabuco. Relatou que o Vôlei de Praia era jogado por duplas e 4x4 (homens), e citou Everest, Lúcio, Coqueiro e Loyola como precursores da modalidade em 1950, e Tia Leah como a primeira mulher que viu jogar na praia.

Ela tinha a característica de brigar com os jogadores, pensando sempre em manter a ordem na sua rede. Chamava a atenção quando alguém pegava a bola com “bandejão”, gesto hoje substituído pela manchete, gostava que o jogo seguisse as regras (SILVA, 2009).

José Garcez Ballariny (2009), jogador de voleibol e posteriormente técnico dos clubes Fluminense e Tijuca de 1950 a 1980, em depoimento aos 66 anos afirma que Tia Leah gostava de comandar e era centralizadora. Logo se tornou popular e, através de sua amizade e carisma, atraiu grandes nomes deste esporte para sua rede.

Com o passar dos anos, “Seu” Nonô deixou a pesca, para a qual ele mesmo fazia suas redes, e começou a confeccionar redes de Vôlei de Praia a pedido dos frequentadores da área. Como referência de qualidade do material, teve em Isidro Pacheco as primeiras “dicas” de como fazer uma rede.

Posso dizer que iniciei em 1966, e que Tia Leah foi uma das primeiras a encomendar uma rede. Aos poucos fui me especializando, hoje sou o fornecedor oficial de redes para as etapas do Circuito Banco do Brasil e chego a enviar redes para o exterior. Recebi os japoneses aqui no Posto Seis, fizeram uma matéria sobre o meu trabalho: as redes de Vôlei de Praia. Comentaram que ao perguntarem a Shelda e Jaqueline [grandes nomes do Vôlei de Praia entre os anos 1996 e 2007] sobre quem foi o principal nome na grande explosão do Vôlei de Praia, elas me nomearam como responsável. Disseram que depois que melhorei a qualidade das redes e comecei a dedicar-me a fundo às redes, o público aderiu mais à modalidade. Sou grato, pois tudo que tenho hoje foi adquirido através do meu trabalho com as redes, que levam o meu nome em sua etiqueta: NONÔ (SILVA, 2009).

Alguns relatos a seguir nos fazem compreender melhor como era praticado este esporte que a cada dia crescia e ganhava grande número de adeptos na cidade do Rio de Janeiro, e, conseqüentemente, nos aproximam mais da identidade cultural do Vôlei de Praia carioca. Helenize de Freitas, jogadora de destaque na Seleção Brasileira, mais conhecida como Belê, uma das jogadoras mais completas do Voleibol brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, comenta que Tia Leah mantinha uma rede em frente ao Hotel Luxor, no Posto Seis, em frente à Rua Souza Lima:

[...] muitos jogadores de clubes e posteriormente de seleção carioca e brasileira iam jogar ali para se divertir. Entre eles: Bernard, Badalhoca, Fernandão, Bernardinho e outros, de gerações seguintes, também passaram a ser freqüentadores assíduos da rede da Tia Leah (FREITAS, 2008).

Nos anos 1956 e 1957, Ballariny (2009) disse ter visto o Vôlei de Praia pela primeira vez na rede da D. Bebê Barreto, no Posto Seis, entre as Ruas Francisco Sá e Rua Julio de Castilhos.

Sobrinha de Tia Leah e também uma das pioneiras do Vôlei de Praia, Moraes (2009b), agora com 70 anos, comenta que na rede da D.

Bebê também havia o Seu Cícero, que comandava a rede:

Comecei a jogar na praia em 1952, aos 13 anos, em frente à Rua Joaquim Nabuco com os meninos da rua. Um ano depois já estava no Fluminense, convidada pelo técnico Paulo Azeredo; mas meu primeiro contato com o Voleibol foi no Colégio Mallet Soares, com a professora Iná Ferraz.

Moraes gostava de jogar Vôlei de Praia perto de casa: ora na rede entre as Ruas Julio de Castilhos e Francisco Sá, no prédio Igrejinha, ora na rede da Tia Leah. “Não existia rivalidade entre as redes, o que mais importava, era o convívio social entre nós e os filhos que cresceram ali. Havia respeito e amizade, mesmo quando estávamos na seleção e nos clubes” (MORAES, 2009b).

Alguns nomes da época foram lembrados por Ballariny: Átila, Gil, Parker, Coqueiro, Everest, Lúcio, Corrente, Pé de Valsa, Tião, Cabinha e Idácio. Ele também confirmou as informações de que os jogos eram entre duplas e 4x4: “Tinha as redes do Thomas, também conhecida como Amendoeira, que armava durante a semana na Rua Joaquim Nabuco, e a rede do Frazão, que era nos fins de semana, em frente à Rua Rainha Elizabeth, sempre no Posto Seis” (BALLARINY, 2009).

A partir das falas dos atores, percebeu-se que o Vôlei de Praia permite certa adequação ao número de jogadores praticantes, mostrando ser possível jogar com dois, quatro ou seis de cada lado, assim como só entre homens, ou só entre mulheres, ou entre equipes mistas. Variedade esta não encontrada nos demais esportes praticados na areia.

Tia Leah, em seu depoimento, recordou-se de Pé de Valsa, Gil, Tião e Corrente, e acrescentou Jonjoca e Naga, entre os homens, e Ana Lílian entre as mulheres. Lembrou-se dos primeiros torneios na rede do Frazão e na Rua Francisco de Sá, e da turma da Rua Bolívar, que também jogava Vôlei de Praia. Tal comentário coincide com reportagem do *Jornal dos Sports* de 21 de janeiro de 1962, que, com o título “Volley de Praia teve abertura brilhante”, além de ressaltar os astros e estrelas da competição, destaca o nome das redes que disputavam os

torneios em Copacabana e seus respectivos jogadores ou jogadoras (RODRIGUES FILHO, 1962b, p.7).

De acordo com fotos registradas no *Jornal dos Sports*, existia grande aceitação do público que acompanhava os jogos durante os torneios que começavam a acontecer. Ballariny, Tia Leah e “Seu” Nonô confirmam a presença entusiasmada desse público: “Seu” Nonô lembra que:

[...] o público estava sempre no calçadão apoiando os jogadores e vibrando com as jogadas, ora sentia-se um clima de rivalidades, ora de gozações. Com os banhistas não acontecia o mesmo, pois se incomodavam com a bola que vez ou outra esbarrava uma criança na areia (SILVA, 2009).

Com tantos adeptos, Copacabana fomentou raízes do Vôlei de Praia na cidade do Rio de Janeiro. Além dos grupos que frequentavam as redes do Posto Seis, também a Rua Bolívar, em Copacabana, e a Rua Montenegro, em Ipanema, ganharam seus adeptos, podendo ser também considerados entre os primeiros locais da prática do Vôlei de Praia. Assim, com a disputa entre redes que representavam as ruas, grupos ou bairros, o sentimento de rivalidade entre as equipes começou a ser percebido, dando origem às apostas entre os adversários.

Os estudos sobre Futevôlei de Costa Neto (2005), Costa Neto e Costa (2006) registram a presença de apostas em jogos na praia de Copacabana. Denominadas pelos autores como o “jogo do jogo”, as apostas parecem ser uma realidade encontrada também no Vôlei de Praia. Mas apostar dinheiro aproxima do descrédito, da suspeita de fraude, diz Vigarello (2008), mesmo em jogos de destreza, como é o caso dos esportes na praia. Quando indagada sobre as condições das apostas, Tia Leah diz: “nunca vi ninguém apostando, mas sabia que os jogadores faziam escondidos, pois eu não gostava e não permitia”; Ballariny lembra que as apostas valiam uma “coca-cola”, e “Seu” Nonô considerou ser somente uma forma de estimular o desafio entre as equipes em campo. Informações como estas, fornecidas pelos atores, retratando uma convivência social do dia-a-dia,

reforçam e tornam possível a construção da identidade do Vôlei de Praia atual.

O aumento do número de praticantes de Vôlei de Praia na cidade foi tamanho que começaram a ser realizados torneios de "Volleyball de Praia", com uma cobertura significativa da mídia quanto à divulgação das equipes, árbitros e locais das competições, conforme constatamos nas páginas do *Jornal dos Sports* a partir de 1947.

[...] nos anos de 1950, o *Jornal dos Sports* começou a patrocinar torneios 6x6 – mistos. Oswaldo Seara Martins começou a organizar e a oferecer torneios, onde as equipes eram montadas pelos próprios jogadores. O primeiro torneio, só de amadores, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, nas praias de Copacabana e Ipanema (BALLARINY, 2009).

Coelho (2008), ex-jogador e treinador de Voleibol e Vôlei de Praia hoje com 50 anos, confirmou ter escutado quando criança do pai e de companheiros que jogavam com ele na rede do Castelinho em Ipanema, nos anos 1950, sobre os jogos 6x6 (quatro homens e duas mulheres). Ainda pequeno, acompanhava o pai aos jogos e ouvia, da beirada da quadra, os comentários da turma que jogava:

Coqueiro, Lúcio, Ronaldo, Luís Carneiro, Lúcia Mendes de Moraes, que foi da Seleção Brasileira, Marly, que também jogou basquete e foi treinadora da AABB na década de 1970, Gilda, famosa, da Seleção Brasileira, Silvia (início dos anos 1960), e a Hilda, que jogou 6x6 com mais quatro homens. Eram todas contemporâneas e viviam na praia. Lembro de uma rede perto do Luxor Hotel, próximo da Rua Figueiredo Magalhães e Rua Siqueira Campos (COELHO, 2008).

Percebe-se uma tensão entre as falas de Coelho (2008) e a anteriormente citada de Moraes (2009b), que divergem quando Coelho comenta sobre a formação do 6x6: duas ou três mulheres em cada sexteto: “[...] participei dos torneios 6x6, misto: três mulheres e três homens do *Jornal dos Sports*, nos anos 1960”.

Nesta época, as manchetes do *Jornal dos Sports*, como a da edição de 21 de janeiro de 1962, se referiam aos homens e mulheres que participavam dos torneios: “O belo sexo foi profusamente ornamentado pelos nomes: Hilda Lassen, Lúcia Mendes, Maria Alice, Márcia Castro [...]. O sexo forte contou igualmente com [...]: Quaresma, Feitosa, Átila [...]”.

Segundo declarações de Ledo (2008), 60 anos, treinador e ex-jogador nos anos 1960-1970, o jogo entre duplas inicialmente não era visto nos torneios de Vôlei de Praia. Diz ele: “se jogava 6x6 ou 4x4, e os jogos aconteciam à noite”. Esta afirmação se contrapõe aos depoimentos de Ballariny e Tia Leah, que contam que os torneios começaram com jogos de duplas, e corrobora as palavras de Coelho e Moraes, que concordam em relação ao 6x6 misto. Não existiam equipes femininas, mas as mulheres participavam do 4x4 misto.

Éramos do time da Rua Bolívar, em Copacabana, era um espetáculo. Não era organizado como as arenas de hoje. Mas era, com certeza, muito poético. As pessoas se aglomeravam no calçadão e na areia, em volta das quadras, e havia policiamento para proteger os jogadores. Tenho todas as lembranças no meu coração. (LEDO, 2008<sup>1</sup>)

Ao fazer este relato, Ledo (2008) emocionou-se lembrando do time em que jogou e que foi tricampeão: Haroldo, Vitinho, Álvaro, João Cláudio, Ceva, Delano e Feitosa. “*Tenho quase certeza de ter sido em 1965*”. Segundo os jornais desta época, estes astros eram chamados de “cobras”, e formavam o time da Bolívar (RODRIGUES FILHO, 1965b, p. 10).

Grande parte dos jogadores que atuaram nesta época era federada pelos clubes cariocas, e alguns chegaram até a jogar pela Seleção Brasileira. Em publicação recente do livro: *Vôlei no Brasil, uma história de grandes manchetes*, Valporto (2007), resgata parte da memória dos anos 1960, citando João Cláudio, Vitinho e Feitosa como jogadores integrantes da Seleção Brasileira masculina, assim como

<sup>1</sup> Mensagem eletrônica recebida em 12 ago. 2008

Quaresma, Álvaro, Hilda Lassen, como nomes dos anos 1950.

Era comum, nos anos 1960-1970, batizar as redes com o nome de ruas que faziam esquina com a orla marítima da cidade do Rio de Janeiro. Talvez esta fosse uma forma mais fácil de identificar as equipes, que desde seu início já eram chamadas assim ou pelo nome do “dono” da rede. Em matéria do *Jornal dos Sports* de 3 de janeiro de 1947, já era possível perceber tal referência, quando são citadas: a rede da D. Bebê Barreto, a rede Mar, a Amendoeira, entre outras (RODRIGUES FILHO, 1947a, p. 3).

O regulamento dos torneios, segundo Ledo (2008) dizia que cada equipe deveria ser composta por: três jogadores da 1ª divisão (adultos) e três jogadores juvenis (até 18 anos). Os jornais confirmam a escalação dos juvenis, mesmo que estes tivessem disputado jogos oficiais (RODRIGUES FILHO, 1965a, p. 10) e Ledo relatou o clima em que transcorriam essas disputas:

Fui o “caçula” do time. Muitos jogavam em clubes e participavam dos torneios de Vôlei de Praia (migrantes) em busca de uma descontração maior no jogo disputado em área aberta e uma forma diferente de se divertir e interagir. Pareciam alcançar um prazer diferente dos jogos disputados em ginásios fechados, tendo ainda o contato com o mar, a areia, o sol... – bem curioso e distinto (LEDO, 2008).

A Rua Montenegro, em Ipanema, também foi palco dos jogos de Vôlei de Praia no período inicial. Ballariny citou Naga, Arlindo e Jonjoca como figuras certas na Rua Montenegro.

Em 1959 comecei a jogar, e na década 1960 uma mulher começou a se destacar entre os homens: Ana Lílian, que jogava ao lado de Caveirinha, Zézinho, Bonga e Piririca. Feitosa era da turma da Rua Bolívar. Copacabana e Ipanema tornaram-se locais certos para os torneios que começavam a ter patrocínios entre 1960 e 1970, que revelaram algumas mulheres: Marly e Eunice, que também tinha uma rede em frente ao Hotel Olinda, em Copacabana. A rede do Copaleme, no Leme tinha nomes como Vitinho,

Pelicano e Zeinho (BALLARINY, 2009).

Na busca sobre memórias do Vôlei de Praia, em épocas diferentes, foi possível receber um relato de Belê, prima de Bebeto de Freitas, treinador da Seleção Brasileira masculina nos anos 1980, responsável pela “Geração de Prata” (medalhas de prata no Campeonato Mundial de 1982 e nos Jogos Olímpicos de 1984) e jogador da Seleção Brasileira de Voleibol nas décadas de 1960 e 1970, que nos conta:

Eu jogava em Ipanema, na rede em frente à Rua Montenegro, hoje Vinícius de Moraes, onde também atuavam os irmãos Rondino (Eunice, Cidinha, Ivani e Hélivio) e alguns mineiros de minha cidade natal, São João de Nepomuceno. Os jogos eram puro divertimento, ainda não existiam muitos torneios, os times eram formados na hora, com uma escolha após o par ou ímpar. Era a década de 1970, eu jogava no Fluminense. Participava de jogos de duplas e 4x4, e, quando tinha muita gente, 6x6. Bebeto jogava sempre no Posto Seis, com Vitinho, Feitosa, Barata e Paulão. Esta época era quando eu vinha passar férias na casa do meu primo Bebeto, que vivia na praia, e meu tio sempre chamava a atenção dele. Um destaque no feminino era a Ana Lílian, que também jogou no Fluminense (FREITAS, 2008).

Luiz Eduardo Pons, conhecido por Coqueiro, foi figura certa nas quadras, jogando nos times de clubes entre os anos 1950 e 1959, foi responsável por difundir o Vôlei de Praia no Rio de Janeiro na passagem dos anos 1970 à década de 1980. Durante a inauguração do Shopping Rio Sul, em Botafogo, no Rio de Janeiro, promoveu um torneio, no qual algumas lojas aceitaram fazer parceria com as duplas que iriam participar, expondo assim as logomarcas nos uniformes. Surgia o esporte negócio (PONS, 2009).

Mas foi em 1972 que Jaqueline, a futura campeã olímpica nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, começou a frequentar as areias de Copacabana, no Posto Seis, onde seu pai jogava com os amigos. Segundo Valporto (2006, p. 111), ali era como o *playground* da família de Jaqueline, então com apenas 10 anos. Foi na

rede de Tia Leah que a medalhista de ouro em Atlanta deu seus primeiros passos no esporte.

Tia Leah escreveu sua história em Copacabana como a jogadora de praia que deu um grande impulso ao Vôlei de Praia na cidade do Rio de Janeiro. Era ela que comandava e recebia em sua rede jogadores como Bernardinho, Xandó, Badalhoça, Bernard e outros astros do Voleibol.

Debruçado no sucesso da Seleção Brasileira masculina de Voleibol comandada por Bebeto de Freitas, o Vôlei de Praia desfrutou de grande popularidade na arena da Tia Leah. Com a conquista do Vice-Campeonato Mundial, em 1982, os jogadores da Seleção passaram a frequentar constantemente a rede da Tia Leah. Bebeto aproveitava para melhorar o condicionamento físico dos rapazes jogando na areia, após o treinamento da Seleção nas quadras (OLIVEIRA; TUBINO; COSTA, 2009). Em 1984, mais uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles para o Voleibol masculino. Daí a expressão "Geração de Prata".

Bebeto, jogador assíduo da rede da Tia Leah quando jovem, também teve papel influente na promoção do Vôlei de Praia. Foi a partir da aparição dos colunáveis (jogadores da Seleção Brasileira masculina) na rede de tia Leah que a mídia passou a frequentar o local, atrás de reportagens para a TV Globo. "Tia Leah gostava de receber a televisão para reportagens, era vaidosa e se sentia prestigiada no mundo do Vôlei" (MORAES, 2009).

Também iniciaram e marcaram passagem pela mesma rede algumas estrelas do Voleibol. Uma das primeiras duplas femininas a frequentar a rede foi a de Rose e Roseli. Anos mais tarde, Adriana Behar, Mônica Rodrigues e Adriana Samuel, que "batiam uma bolinha" na rede da Tia Leah, pegaram gosto pelo esporte e começaram a treinar profissionalmente, conquistando para o Vôlei de Praia três medalhas olímpicas de prata: em 1996/Atlanta, 2000/Sidney e 2004/Atenas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o relato daqueles que vivenciaram o pioneirismo do Vôlei de Praia em Copacabana, uma rede de imagens foi constituída e, a partir dela, se construiu um

perfil de sociabilidade entre jogadores homens e mulheres, em quadra de areia, e que cresceu rumo à competitividade chegando à institucionalização em 1986.

A partir de uma reorganização do passado pudemos fazer emergir, por meio de lembranças vividas por pioneiros no Vôlei de Praia, a construção de uma identidade sócia cultural desse esporte que teve como berço a praia de Copacabana no Rio de Janeiro.

O partilhamento do espaço e da atividade entre jogadores nativos da praia e migrantes das quadras deu origem à colonização das quadras de areias esportivas das praias da cidade do Rio de Janeiro. Constituído inicialmente de forma lúdica entre os cariocas, o Vôlei de Praia se fortaleceu e ganhou adesão dos cariocas praiheiros.

Originário do esporte como lazer, o Vôlei de Praia, esporte moderno, ao se institucionalizar, implicou em transformações das formas e dinâmicas do território da praia que, enquanto espaço democrático, abriga em seu interior a fluidez de sentidos e de ações.

Inicialmente, o esporte era praticado como lazer em redes em quadras demarcadas na areia. Passou, com os torneios do *Jornal dos Sports*, a arenas oficiais de competição nas quais o público agrupava-se ao redor das redes e nas calçadas para assistir aos jogos (RODRIGUES FILHO, 1962a, p. 7; RODRIGUES FILHO, 1952, p. 3). Até que, a partir de 1987, foram erguidos, provisoriamente, equipamentos de grande porte físico e de visibilidade na paisagem da praia, oferecendo ao público espectador lugares apropriados em arquibancadas.

Na interpretação de Jesus (1999), essas transformações implicaram em redefinições no uso do espaço cotidiano dos praiheiros tanto nos planos simbólicos como no da ação, promovendo também mudanças na experiência corporal pública e socializada, o que nos leva a dizer que a apropriação do espaço da praia pelos praticantes de esportes, e por seus admiradores alterou hábitos e costumes de seus frequentadores que manifestam a tendência de aderir à prática.

Sol, mar, vento e areia atraíam o público para jogar ou assistir o Vôlei de Praia, especialmente na rede que Tia Leah dominava em Copacabana, onde fazia as honras da casa.

Mesmo com certa “ditadura” na rede, jogadores renomados começaram a frequentar o espaço da rede de Tia Leah, que anos depois foi palco de exibições dos astros da “Geração de Prata”.

A passagem de diversas gerações do Voleibol pela rede da Tia Leah, no Posto Seis das areias de Copacabana, (MORAES, 2009; BALLARINY, 2009) nos aproximou do interesse do público e dos jogadores pelo convívio entre as pessoas da rede desde os anos 1940. Ali se formou um grupo social, segundo Elias (1994), que criou seus referentes de destaque dispostos a obedecer a regras ditadas por Tia Leah, que, em troca recebia carinho, amizade e a oportunidade de ver grandes jogadores em ação. A fama obtida por um ou outro jogador, ou sua idade, não interferiam nas relações humanas dentro do grupo (PEIXOTO, 2000).

Na territorialização esportiva da praia, o Vôlei de Praia satisfaz o gosto de jogadores por espaços livres, abertos e por paisagens e desperta muita admiração entre os observadores, também adeptos do mesmo gosto.

Considerado como uma prática que se auto-organiza gratuitamente, ele desenvolveu-

se de forma contagiosa pelas areias de Copacabana; tendo um local, o Posto Seis, especialmente a rede da Tia Leah, como um ponto acolhedor de pessoas voltadas para o mesmo objetivo, criando um vínculo de amizades, participando de um mesmo grupo de jogadores dispostos a seguir as regras da rede, inserindo-se num contexto de sociabilidade e aproveitando os prazeres naturais que a praia pode oferecer: sol, mar e diversão.

Algumas duplas femininas marcaram passagem pela rede: uma das primeiras, Rose e Roseli; mais adiante, jogadoras como Adriana Behar, Mônica Rodrigues e Adriana Samuel, que lá pegaram gosto pelo esporte, tornaram-se profissionais e três vezes medalhistas de prata olímpicas.

A partir das informações colhidas para este artigo, possibilitou-se uma visão consistente sobre os primeiros passos do Vôlei de Praia na cidade do Rio de Janeiro, que foi do lazer ao profissionalismo, mas que não minimizou a potência do movimento original, como a prática do lazer. A história oral dos atores que participaram deste estudo contribuiu para a construção da trajetória inicial deste esporte.

---

## STORIES AND MEMORIES FROM THE FORERUNNERS OF THE BEACH VOLLEY IN RIO DE JANEIRO

### ABSTRACT

The study aimed at interpreting stories from the Beach Volley forerunners who established in 1940 on Copacabana Beach, Rio de Janeiro the beginning of this sport for recreation. After the forerunners, occupied the area we noticed that sport being played and accepted by the “cariocas”, awakening for the pleasure and socializing potential of that game. The material from the Internet, old newspapers and reports from old players was added to the forerunners testimonials gathered by the researcher Lenice Peluso, enabling a comprehensive view of this theme. The conclusion was that the Beach Volley which had started solely for recreation, established its cultural identity in Rio de Janeiro attending to the players’ and general public’s wishes of landscapes and free open spaces which bring feelings of well-being and spaciousness, contributing to the beach sportization.

**Keywords** Beach volley. Forerunners. Memories.

---

### REFERÊNCIAS

AFONSO, G. F. **Voleibol de praia**: uma análise sociológica da história da modalidade (1985-2003). 2004. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, 2004.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARRIBA, C. G. La difusión social y espacial del modelo balneario: de la innovación médica al desarrollo de las prácticas de ocio. Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 69, n. 40, 1 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-69-40.htm>>. Acesso em: 9 mar. 2009.

BALLARINY, José Garcez. **José Garcez Ballariny**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: Lenice Peluso. Rio de Janeiro: Copacabana, 2009. (55 min.), formato AMR, 5,1MB.

CANDEIAS, C. **Histórias do vôlei**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/fernandao/2004/02/12/jorcalsar20040212001.html>>. Acesso em: 9 mar. 2009.

COELHO, Wantuil Cintra. **Wantuil Cintra Coelho**: depoimento [jul. 2008]. Entrevistadora: Lenice Peluso. Rio de Janeiro: Ipanema, 2008. (23 min.), formato AMR, 2,2 MB.

CORBIN, A. **Território do vazio? A praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.
- COSTA, V. L. M. Espaço lúdico na praia: a aventura de praticar esporte como lazer. In: BENTO, J. **Professor de Educação Física**: ofícios da profissão. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2004. p. 225-234.
- COSTA, V. L. M. **Estudo das redes de comunicações motrizes**. Foz do Iguaçu: FIEP, 1995.
- COSTA, V. L. M. **Práticas esportivas de lazer na praia**: estudo dos significados. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, 1997. Mimeografado.
- COSTA NETO, J. V. **“O jogo do jogo” de futevôlei como lazer na praia de Copacabana no Rio de Janeiro**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
- COSTA NETO, J. V.; COSTA, V. L. M. Memória do futevôlei: discurso dos pioneiros. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE HISTÓRIA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA, 2., 2006. Curitiba. **Coletânea...** Curitiba: [s.n.], 2006.
- COSTA, V. L. M.; COSTA, M. M.; SALLES, J. G. C.; SILVA, M. C. P. Futebol de praia: representações simbólicas do espaço lúdico. CONGRESSO LATINOAMERICANO DA ICHPER SD, 3., 1996, Foz do Iguaçu. **Coletânea...** Foz do Iguaçu: [s.n.], 1996. p. 623.
- COSTA, V. L. M.; FIGUEIREDO, R. O.; SILVA, M. C. P. O frescobol nas praias do Rio de Janeiro: deslocamentos do sentido do jogo e do espaço lúdico. **Artus**: Revista Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.175-176, 1997.
- COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. Esportes praticados na areia da praia: estudo do futebol, do frescobol e da peteca. **Artus**: Revista Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 121-122, 1997.
- COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. Esportes praticados na areia da praia: representações simbólicas do espaço lúdico. **Artus**: Revista Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 27-37, 1998.
- ELIAS, N. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. 1992.
- FREITAS, Helenize (Belê). **Vôlei de praia**. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lepeluso@gmail.com> em 29 maio 2008.
- IWATA, N. O rio e o mar: a influência da orla marítima na formação do imaginário da cidade do Rio de Janeiro. **Vitruvius**, n. 012.06, maio de 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arqui textos/01.012/892>>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- JESUS, G. M. A geografia dos esportes: uma introdução. **Scripta Nova**: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Barcelona Universidad de Barcelona, n. 35, 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- KASZNAR I. K.; GRAÇA FILHO, A. S. **O esporte como indústria**: solução para a criação de riqueza e emprego. São Paulo: Ediouro, 2002.
- LEDO, Haroldo. **Vôlei de praia** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lepeluso@hotmail.com> em 12 ago. 2008.
- MORAES, Leah Mendes de (Tia Leah). **Leah Mendes de Moraes**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: Lenice Peluso. Rio de Janeiro: Copacabana, 2009a. (15 min.), formato AMR, 1,4MB.
- MORAES, Lucia Mendes de. **Lucia Mendes de Moraes**: depoimento [abr. 2009]. Entrevistadora: Lenice. Peluso. Rio de Janeiro: Copacabana, 2009b. (59 min.). formato amr, 5,5 MB.
- NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Educ, 1993.
- NUZMAN, C. A. **Circuito Banco do Brasil Vôlei de Praia 94**. [Rio de Janeiro]: Banco do Brasil, 1994.
- OLIVEIRA, L. P.; COSTA, V. L. M.; MOURÃO, L. Mulher e vôlei de praia: memórias de Tia Leah. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2, p. 300-310, 2010.
- OLIVEIRA, L. P.; TUBINO, M. J. G.; COSTA, V. L. M. Vôlei de praia: lazer nas praias do Rio de Janeiro: histórias e memórias. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, 11; EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA, 2009, Viçosa, 2009.
- OS REIS da praia. Tia Leah a rainha da praia. **Vôlei de praia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 30, 1989.
- PAIS, J. M. A vida como aventura: uma nova ética de lazer? In: CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER; WORLD LEISURE CONGRESS, 1992, Lisboa. **Atlas**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1992. p. 99-110.
- PARLEBAS, P. **Elementos da sociologia do esporte**. Málaga: Universidad de Andalucía, 1988.
- PEIXOTO, C. E. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: em busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 1995. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_27/rbcs27\\_09.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_09.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2009.
- PEIXOTO, C. E. Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Rio de Janeiro e Paris. São Paulo: Annablume, 2000.
- PEIXOTO, F. M. **A verdadeira história do futevôlei**. Carta enviada ao Jornal Globo - Bairro: Copacabana e Ipanema, 21 mar. 1988.
- PEÑA, N. M.; ECHEVERRY, L. G. J. **Investigación qualitativa**: la complementariedad etnográfica. Armênia: Knesis, 2000.
- PONS, Luiz Eduardo (Coqueiro). **Coqueiro eventos**. Disponível em: <<http://www.coqueiroeventos.com.br/coqueiro/coqueiro.html>>. Acesso em: 22 fev. 2009.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Astros e estrelas competirão hoje na areia de Copacabana. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 5331, p. 3, 4 jan. 1947b.

- RODRIGUES FILHO, Mário. Bolívar treina para chegar ao tri. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 32, n. 11040, p. 10, 11 fev. 1965b.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Grandes embates na sétima rodada do Volley de Praia. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 5865, p. 3, 12 jan. 1952.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Hoje o encerramento das inscrições. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 32, n. 9950, p. 7, 17 jan. 1962a.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Inscrições só vão até dia. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 32, n.11000, p.10, 2 jan. 1965a.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Quatro partidas amanhã e cinco no domingo, o próximo cartaz: duas atraentes rodadas com jogos de astros e estrelas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 5330, p. 3, 3 jan. 1947a.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Termina hoje o prazo para as inscrições ao "I Torneio de Volley de Praia". **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, ano XVI, n. 5303, p. 3, 5 dez. 1946.
- RODRIGUES FILHO, Mário. Volley de Praia teve abertura brilhante. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 32, n. 9954, p. 7, 21 jan. 1962b.
- SILVA, Claudionor José da ("SEU" NONÔ). **Claudionor José da Silva**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: Lenice Peluso. Rio de Janeiro: Copacabana, 2009. (35 min.), formato amr, 3,2MB.
- TINOCO, Eduardo. **Eduardo Tinoco**: depoimento [ago. 2008]. Entrevistadora: Lenice Peluso. Rio de Janeiro, Copacabana, 2008. (59 min.), formato AMR, 5,5 MB.
- TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- TUBINO, M. J. G. **O que é esporte**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- TUBINO, M. J. G.; TUBINO F. M.; GARRIDO F. A. C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.
- VALPORTO, O. **Atleta, substantivo feminino**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- VALPORTO, O. **Vôlei no Brasil, uma história de grandes manchetes**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**: da renascença às luzes. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 303-400.

Recebido em 05/08/2009

Revisado em 18/12/2009

Aceito em 17/01/2010

---

**Endereço para correspondência:** Lenice Peluso de Oliveira. Av. Jornalista Ricardo Marinho n. 450, ap 104, Barra da Tijuca, CEP 22631-350, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: lepeluso@hotmail.com